TEATRO É ARTE E LITERATURA

Peter Brook, de «enfant terrible», passou a mestre do Teatro inglês

STAVAMOS no ano de 1946, du- tem trabalhado independentemente, mui- (além de outros oito anos na província)
rante a representa de 1946, du- tem trabalhado independentemente, muiconservou regularmente uma companha,
núblico apopular», com peças seca, incontestàvelmente, mas Dastoral e a nostalgia da peça ategralmente transmitidas no am-Wattcauesco, e, sobretudo, no golde Repertório de Birmingham. com Shakespeare. ent Garden, Nos anos de 1948 apresentou cinco óperas, incluin-clebre «Salomé», com cenários e roupa de Salvador Dali, abando-depois este teatro, após se ter priosamente atitude em relação à ópera. A sua para o esplendor crescia cada vez neacando arrebatar a Tyrone essa o título de «enfant terrible» do dade

tiro de pistola no palco às es- vai seguir. Depois, lentamente, um foco de contrastemos esta atitude com a obra de Joan Littlewood no Teatro-Oficina de Tindo maliciosamente. Um mês a rigida simplicidade de cHuis-Sartre, apresentava-nos uma comedida, quase perfeita, de radualmente, este comedimento a ser mais forte do que o cho-irtimanha — e foi assim que sur-tilo característico de Brook, que e senfant terribles a mestre. O ctorial de Peter Brook é muito ditimamente. 6 els mesmo quem timamente, é ele mesmo quem os seus cenários) e a sua obra sobre uma impressão visual da a sua melhor forma como no peças «Dark of the Moon», «Veserved», «The Power and the erved», «The Power and the «Titus Andronicus», as suas Andronicus», as suas são cheias de cor, calor e de forma a revelar a essência

aos 34 anos de idade, Peter acontra-se no topo da profissão tor teatral, com possibilidades her as sua da mobilizar er as suas peças, de mobilizar lelação de estrelas e astros para enço e de circular livremente situação é certamente confortá-situação é certamente confortá-e peter Brook tem bem a cons-de que um tal conforto o leva lante à complacência e à estagna-um bem peneado eviso publicado em pensado artigo publicado na revista «Encore». Peter ou as pressões de conformisos artistas sofrem — a mao e artistas sofrem — a ma-o exito dá origem a um cli-zades, preferências do público, e gosto, que torna a experiên-a sua possibilidade de fracasso e, cad. cada vez mais difícil. Peter mbate esta tendência através dade dos seus interesses e das ativo.

o de lado as suas curtas tempo-im Stratford e Covent Garden e liciativa de nove meses em que atou três peças com Paul Scofield, atro Phoenix, Peter Brook sempre

rante a representação em Stratto embora sob a égide da forte direcção to embora sob a égide da forte direcção de Shakespeare «Penas de Amor Baltadas». Os críticos e o público cepararam, e tomaram nota, que um realizador genial. A comédia seca, incontestàvelmente, mas a pastoral e a nostalgia da peça destrate a nostalgia da peça destrate e a melhorar a sua arte, através do contrastivatemente transmitidas no ambelio a pastoral e a contrastivate e contrastivatemente transmitidas no ambelio a seca, através do contrastivatemente transmitidas no ambelio a componitor e conservou regularmente uma companh. a conservou regularmente uma companh. a para um público apopular», com peças de Shakespeare e Sean O'Casey, cujas de Shakespeare e Sean O'Casey, c melhorar a sua arte, através do contrasbrilhante imaginação de fazer
la princesa, por toda a parte,
leo, Peter Brook tinha então 23
limitara-se a quatro realizações
limitara-se a quatro realizações
adorescas, e a três outras para
la g de Repertório de Birmingham.

melhorar a sua arte, através do contraste. É o primeiro a reconhecer que a sua
tentativa no Covent Garden não teve
com emocionante vitalidade, humor e
comprensão. As produções de Joan
lititlewood, assim como os seus autores,
além disso, procuram apresentar com
perfeição estas peças.

Peter Brook reconhece que a sua
insistência em se permanecer vivo, recus^ando-se a ficar parado, pode conduzir a
do-se a ficar parado, pode conduzir a

has de Amor Baldadas» «Love's

Lost), foi seguida dum desasnou Stratford e pouco depois tordirector de Produção do Teatro
lent Garden. Nos apos de 1948

com Shakespeariana seguinte, que se verificula para a ajustar à sua receita, mas a pro-curar captar a essência e fazer ajustar essa essência à sua própria personali-

Depois do grande sucesso com «Penas certos desperdícios do seu talento. Julga, também, que há ainda tempo para enconceita com «Romeu e Julieta», mas o resultado foi um fracasso desastrado de excesso de realização. A sua produção Shakespeariana seguinte, que se verificou três anos depois, após a sua experiência com a épera, foi «Medida por Medida», justamente aclamada como constituindo a sua primeira obra madura. Desde então, aprendeu a não forcer nenhuma peça desintegração moral dum grupo de rapara a ajustar à sua receita, mas a prozes, lançados por um naufrágic numa ilha. A seguir, irá a Paris para apresentar a extraordinária peça de Genet, realizador, Peter Brook teve foi a sua vontade para a sensalhe conquistou este apodo.

Drodução de «Os Irmãos Karao tiro de pistola no palco às eso dade.

Made.

Esta indústria de gafanhoto, porém, gA Varanda». Depois, talvez... em qualquer tempo futuro, podemos esperar por duções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente marcada com o rótulo «Por Peter Brook» que dará impulso a um grupo de novos dramaturmas sem qualquer ligação com da que se lhe que infelizmento carece duma sentar a extraordinária peca de Genet, garanda». Depois, talvez... em qualquer tempo futuro, podemos esperar por duções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente marcada com o rótulo «Por Peter Brook» que dará impulso a um grupo de novos dramaturmas sem qualquer ligação com mas em qualquer ligação com duções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente marcada com o rótulo «Por Peter Brook» que tempo futuro, podemos esperar por um teatro de Peter Brook, que dará impulso a um grupo de novos dramaturmas sem qualquer ligação com duções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente marcada com o rótulo «Por Peter Brook» que tempo futuro, podemos esperar por um teatro de Peter Brook, que dará impulso a um grupo de novos dramaturmas sem qualquer ligação com duções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente marcada com o rótulo «Por Peter Brook» que tempo futuro, podemos esperar por duções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente marcada com o rótulo «Por Peter Brook» que tempo futuro, podemos esperar por duções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente du marcada com o rótulo «Por Peter Brook» que tempo futuro, podemos esperar por duções constitui uma entidade separada, a ser considerada em si distintamente du marcada com o rótulo «Por Peter Brook» que tempo de novos dramaturmas sem qualquer ligação ou relação com du marcada com o rot

MILNE

NO COMBOIO

A Manuel Dinis Jacinto

Castelo de Montemor. ao longe! E eu. qual voluntário monae. já perto deste Mar extraordinário . . .

- Adeus, Castelo!

Cá vou. como quem volta e nunca parte!
Cá vou. filho do Povo. aprendiz do cantar
dos meus irmãos do Amor
e do Belo:

- Neruda e Afonso Duarte! - Adeus! Adeus. Castelo!

JOSÉ FERREIRA MONTE

A VELA DE ORFEU

A vaz do vento pousa sobre a mão que quia o leme A vela de Orfeu está erquida frente ao porto A impledade da luz cega os olhos mas tranquilo o mar verde vibra cores

entre a safira e a esmeralda O templo de fogo é um topáxio

reflectido na água marinha onde as algas se distendem e o deus-peixe vermelho repousa no fundo dormindo e despertando quando os astros silenciosos caiem

Então Orfeu sibila o canto da vida e da morte e a poesia nasce sereia para afundar os navegantes da [Estrela Polar Ancora no fundo! Sentinela do Sol!

- Deixa-me passar !

HENRIQUE TAVARES

ACERCA DE UM ONTEM

UMA CARTA ...

«Ex mo sr. dr. Ramos de Almeida:

Costumo ler todas as 5. ** feiras o Suplemento Literário que V. Ex.* dirige.

Li o pseudo-poema «Um Ontem Cão», que es Suplemento publicou em 29 do mês passado. E no último, li a carta, essa carta infeliz que é sempre o refúgio dos sem razão, albergados nos aparatos duma arte ou dum temperamento artístico, que só eles reconhecem, colo-cando-se por mero comodismo longe das criticas honestas e equilibradas dos «anti-poetas» ou «anti-vidas» ! ...

Triste sinal dos tempos, senhor doutor !...

Há uma só coisa em que culpo V. Ex.*;
ter publicado o referido pseudo-poema. Infelizmente ou felizmente, todos nós conhecemos
essas escolas de «ontem cães». não havendo
pecessidade de voltar a vê-las em locais onde essas escolas de «ontem cães». nos habituamos a ver tratados assuntos sem-pre bem cheios daquela seriedade que esses senhores não compreendem, o que aliás não

Tenho, no entanto a certeza que V. Ex.* sorriu ao ler a carta com que pensaram o iriam ofender. A coisa não era para menos...

A única coisa das essa juventude precisa, bem a tempo, é que alguém lhe ensine um dia, os princípios da boa educação.

Perdoe V. Ex.º o tempo que o fiz perder.

Creia-me sinceramente admirador

e obrigado. ANTÓNIO PEDRO PINHO
Viana. 17-5-59.
— Pode V. Ex.* fazer desta carta o uso ... OUTRA CARTA

«Lisboa, 15 - V - 59

Ex.mo senhor dr. Ramos de Almeida — Porto

À minha frente o «Jornal de Noticias» de ontem, dia 14 do c.te, em cuja página de letras e artes, vejo (e, devo confessá-lo, sem que o esperasse muito) publicada uma carta que subscrevi, querendo com ela apenas, e essencialmente, lamentar o estado da crítica literária desse jornal, e o estado de toda a crítica, em geral. Por via de não sel que propósitos, entendeu V. Ex.ª evidenciar o que dessa cartamenos importava, e assim, o que, por outro lado, uma maldosa interpretação comportava.

Não querendo perder demasiado tempo com o assunto, pois considero esta sorte de polémica sem qualquer grandeza, velo-me, contudo, forçado a um esclarecimento que se deve muito mais ao público leitor do que a V. Ex.º, pois o teor dos comentários com que encimou essa minha carta, dizia bem já da esquiva a este futuro e a esta juventude a que pertenço, como homem novo, como poeta, e enfim, como pessoa que não quer outra arquibancada ou cátedra, que não sejam a da Verdade e da Poecia.

que não sejam a da Verdade e da Poecia.

Indo aos factos:

1.º) A que epartes da nossa juventude se quer referir V. Ex.*.

quando diz que ela é «uma minoria», «em estado lamentável» ? Não
me sinto, nunca me senti, nem me sentirel, colocado em «parte»
elzuma, a não ser em toda-a-parte, onde exista um esforco de cultura,
nela da Arte da Poecia, do Poesmento Nunca estive, não estou, nunca estarci, de nenhum lado que não seja o lado que procura,
anessar do riso fácil e da leviama ecriticas, continuar renovando, isto
é, inflexivelmente estudando. Se este lado, e esta parte, forem a tal
efelizmente minorias a que V. Ex.* alude, paciência! É sinal de
cue o dado críticos em que por exemplo. V. Ex.* se coloca, nada
tem que temer Quanto ao que vafe em larte, ou em Poesia, não é
V. Ex.* que, em 1959 o vai dizer, definitiva ou sequer transitóriamente. E além do mais, há uma certa nobreza, a única legitima
a do espírito, que não se deixa cair por não estur a por da renovação
continua e necessária a que atrás ma referi, o que, outra vez, merece
ser lamentado.

2.e) Não se pretendeu of ader ninguém, nem se fez apologia

ser lamentado.

2.e) Não se pretendeu of nder ninguém, nem se fez apologia de coisa alguma. Manifestou-se apenas, por termos que, sendo de protesto, não podem ser alinhadinho, e menteados, a falta de nivel de uma crítica que nesse iornal se publicou, sem nome de autor, a um fascéculo de Poesia e Ensaio, PiRÁMIDE, e com vista a um poema de Pedro Oom. Destes dados se pode concluir com um minimo de honestidade, que o autor dessa carta, que sou eu, não estava sequer despeitado, pois mem o poema «criticado» era seu, nem ainda o seu nome tinha entrado na colaboração do fascículo «PIRÁMIDE». E em termos clapos: Se V. Ex * não se encontra em posição, por deficiência de informação ou falta de entendim nto, de criticar uma atitude poética que, de certo modo, é lá coisa ultrapassada, e sem dávida a ultrapassar, como e porque se detem a examinar um «xemplo dessa atitude com o único intuito de rir. e, o que é pior, chamar o enfermelno ou a políca?

Também não sou eu. llvrem me todos os santos, quem vá dizer.

Chamar o enfermeiro ou a polícia?

Também não sou eu. livrem-me todos os santos, quem vá dizer, em 1959 o que é Poesia. Ou o que é Critica Parece-me apenas deplorrável que a única maneira que V. Ex.* pessoa com certeza de idade e respeito, encontrou para contificar, tanha sido levar para o campo do «insulto» e da «ofensa», o que apenos era, e sustanto ser, manifestação legítima de desagrado, por uma orinião emitida. Ofender eu o sr. dr. Ramos de Almeida? Mas eu não conheco o sr. dr. Ramos de Almeida?

eu o sr. dr. Ramos de Almeida? Mas eu não começo o sr. dr. Ramos de Almeida!

3.0) Sa como suponho ter sido foi a minha expressão: «o pāssado de V. Ex."», a malentendida causa de a minha carta ser tomada como «ofensiva», devo dizer a V. Ex." que o passado a que me queria referir era o passado literário, e, em particular, o de articulista crífico. E nem outra coisa ooderia ser, visto que, não só não tenho relações pes-oais com V. Ex.", como a'nda me inclino a pensar que não des-ja V. Ex." tel-les com a juventude portugueva, de tal modo a sua visão reterdada e eassentada se insurve e vocifera contra a expressão literária des-a mesma juventude.

Em r sumo a espero, em conclusão: Pedindo a publicação desta segunda carta, quero significar um novo protesto: contra a malintencionada e baixamente galhofeira atitude que V. Ex.* toma para comisco, ao comentar, do modo que vim esclarecendo, uma carta qual r-tomo a responsabilidade e que teve, da sua parte, o acolhimento que, desda sempre, está reservado a quem não se ilude com cs «Carneiros do Panurgo» da cultura, isto 6, da anti-cultura, (1)

JOSÉ CARLOS GONZALEZ

(1) «Os Carneiros do Panurgo» são umo figuração mitológica, cujo sentido presumo ser do conhecimento de V. Ex a. Esta chamada destina-se a obviar uma precipitação da sua parte, ao ler-me. destina-se a obvia

PICASSO

HOMEM DO SÉCULO

Pablo Picasso atingiu a glória enquanto vivo. É, com Charlot, o indiscutivel Homem do Século, aquele que vence e ultrapassa todas as circunstâncias, para se manter imortal e eterno, quando ainda sujeito às limitações da existência humana e social.

Picasso transcendeu-se, tor-Picasso transcendeu-se, tor-nou-se um símbolo e um mito, mas nunca deixou de ser Homem com os pés bem enterrados na realidade do Tempo.

A sua inquietação é a angús-tia, o cepticismo, o poder transfigurador da nossa época-

Picasso nunca pára, jamais estaciona ou cristaliza. O seu génio é constante renovação, permanente evolução progressiva-

A tela que reproduzimos marca a fase impressionista de Picasso. Foi pintada em 1905 e vendida por uma quantia astro-nómica um autêntico «record». numa exposição recentemente realizada em Londres.

«A Bela Holandesa» é o nome da tela; foi a mais admirada en-tre tantas que figuraram na Ex-

«O nome de Picasso garantiu--the mais o preço do que o seu real valor», disse um crítico dos mais atrevidos e. talvez, acres-oentaremos nos com uma pontinha de despeito.

Seja como for. Picasso atingiu a celebridade dos eleitos. Poucos muito poucos, são aqueles homens que podem gozar semelhante prazer ainda em vida.

Ates Plasticas

ALMADA NEGREIROS E ANGELO DE SOUSA

EXPÕEM NA GALERIA DIVULGAÇÃO

Palavras de José Pulido Valente

Organizei esta exposição para mostrar ao público do Porto dois tores. In ntores. Um tão perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representado perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representado perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representado perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representado perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representado perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representado perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representado perfeitamente integrado no seu tempo que é o seu representado perfeitamente integrado perfeitamente perfeitamente perfeitamente integrado perfeitamente integrado perfeitamente perfeitam representante vivo. Outro, que, no início de sua carreira, me rece em condições de compreender e seguir o exemplo do primeiro. den disto provoquei

atitudes que mereser meditadas. Duas ditudes igualmente lin-

A compreensão da thação, a modéstia e o carinho de um e a corasem, o sentido da resonsabilidade e a conança em si do outro. dois grandes exemde dois homens. dantos, de entre os de vão visitar a exposipensam que a um rista se deve pedir hais, no seu comportaento social, que a ouhomem qualquer. dantos estão dispostos exigir dos Artistas mais modéstia na conviencia e quantos vão e quantos de desculpar alins, jovens ou não, com pretexto de que são Artistas. Serão mesmo? artista moderno terá mesma formação—que sculpava certas atitu-



que os Românti- Almada negreiros, grande figura do moder-NISMO PORTUGUÊS, FALANDO ACERCA DE UM DOS SEUS QUADROS



UMA DAS TELAS DE ALMADA NEGREIROS EXPOSTAS NA GALERIA DIVULGAÇÃO

COMENTÁRIOS À MARGEM

Devem os jovens intelectuais, artistas e escritores portugueses ao «Suplemento Literário» do «Jornal de Noticias». um acolhimento que jamais tiveram em outro qualquer orgão da grande Im-

Por ser assim mais lamentavel se torna a carta de um tal José Carlos Gonzalez publicada no último número do mesmo «Suplemento» em defesa da lindissima poesia «Um ontem cão», digna de figurar numa antologia da asneira, da cretinice e da petulância.

O sr. José Carlos Gonzalez deve ser o próprio poeta, tal o entusiasmo com que se defenda, insinua e falsifica.

O «Suplemento Literário» limitou-se a transcrever o lindissimo poema «Um ontem cão». Não fez qualquer critica, nem aquilo é susceptível de se criticar. Com que direito se vem falar em caldeirada crítica onde apenas existiu bom humor.

O sr. Gonzalez descobriu desconchavos oriundos duma matriz a todos os títulos pestilenta. agressiva, anti-humana, anti-Vida, em algumas palavras de apresentação do poeta e da sua lindissima produção, que chega para envergonhar uma geração inteira. Ficou zangado sobretudo porque teve medo do policia de giro ou do enfermeiro. Foi apenas uma imagem literária, embora bastante concreta, que irritou o sr. Gonzalez, até porque se ele não é o autor do poema e. pelo menos, o homem da trouxa ou o trouxa que venho defender o homem.

«Um ontem cão» não representa nada... absolutamente nada, na cultura portuguesa.

Obra de um Dali de pacotilha só serve para semear a confusão e o descrédito acerca da poesia moderna. Essa fase já passou. Colaboradores circunstanciais das tribunas jovens do «Suplemento Literário» do «Jornal de Notícias», era a nós que nos competia fazer estes comentários.

Não vale a pena gastar mais palavras com «Um ontem cão».

CARLOS ALBERTO, HENRIQUE SANTOS, FERNANDO AUGUSTO, CARLOS MARVÃO, JÚLIO BARREIROS.

Tem constituído um grande suceseo artístico e um inexcedível exito social a Exposição de quadros do grande pintor Candido Portinari (de que há, em Portugal, nos Museus de Arte Contemporânea em Lisboa, no de Soares dos Reis, no Porto e no de Grão Vasco em Viseu, quadros oferecidos pelo dr. Assis Chateaubriand). Críticos e visitantes que têm afluído à Galeria Wildenstein em grande número são unânimes em considerar o artista como um dos maiores do nosso tempo. do nosso tempo.

Algumas opiniões sobre a obra do pintor:
No «Herald Tribune», em crónica ilustrada
com a reprodução da tela «The Wild Beasts»,
Emily Genauer aponta Portinari como exemplo
de que os motivos sociais podem inspirar belas

Depois de chama-lo de «o poeta dos pobres», lamenta que um pintor como Portinarl, com sua fama internacional, levasse vinte anos para expór nos Estados Unidos, depois da exposição feita no Museu de Arte Moderna, em 1940 «.

Escreve: «Ele encontra seus motivos não

em suas próprias frustrações e recalques, mas na história dos pobres e na angústia dos desafortunados. Mesmo à interpretação desses temas melancólicos, traz uma palheta de espantoso bri-lho e luminosidade, numa composição tão enganadoramente simples quanto ousada.

O livro de Agripino Grieco sobre Machado de Assis, anunciado há tempos e que foi posto, agora, à venda alvorocou os meios literários brasileiros e agitou o ambiente intelectual. Agripino acusa o grande escritor, cuja obra estuda, nada menos do que de plágio. A tal respeito Luís Santa Cruz escreveu na sua Gazetilha lite-rária do Jornal do Comércio:

«Os meios literários receberam o livro do ensaista e antigo crítico literário de «O Jornal» como o impacto surpreendente e, no primeiro momento, fulminante, destinado a abalar, sobremodo, o prestigio e a própria glória do autor da «Memórias Póstumas de Brás Cubas».

Sem dúvida, Agripino Grieco, em seu novo livro, uma das suas obras mais sérias e bem escritas (e na qual não poderia andar ausente o ceu delicioso senso de «humour» e nem as suas «boutades» e ironias literárias, das quals até os nossos dias é o mestre sem rival; Agripino Grieco não nega, até certo ponto, o valor da obra machadiana, porém levanta, pela primeira vez em nossas letros sombras de dívido bestatat vez em nossas letras, sombras de dúvida bastante espessas sobre a sua originalidade e mesmo autenticidade, o que nem tão cedo se conseguiria, a ser o caso, desfazer.

Os meios literários extra-académicos apon-Os meios literarios extra-academicos apontam o livro de Agripino Grieco sobre Machado
de Assis à própria Academia Brasileira de Letras,
afirmando que a chamada «Casa de Machado de
Assis» não poderá silenciar e nem deixar de vir
a campo para defender o seu fundador cujo centenário de passamento se celebrara há poucos
meses (em Outubro do ano passado), com tanta
renercusare em todo o naís. repercussão em todo o país».

Gilberto Frevre escreveu directamente em inglés um livro New World in the Tropics. The culture of Modern Brasil, edicão de Knepf. A Saturday Review afirma que do livro foi aproveitada a pesquisa e documentação da Casa Grande & Sanzala que vai completar 25 anos.